

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA NACIONAL ESCOLA DE GESTORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO ESCOLAR

Priscila Garcez Pereira

**Vida da escola, escola da vida:  
pensando a participação e o protagonismo juvenil**

Santa Cruz do Sul, RS

2015

Priscila Garcez Pereira

**Vida da escola, escola da vida:  
pensando a participação e o protagonismo juvenil**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gestão Escolar, do Programa Nacional Escola de Gestores da Educação Básica, apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Educação, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Gestão Escolar.

Orientador (a): Prof. Dr. Márcio de Freitas do Amaral

Santa Cruz do Sul, RS  
2015

## RESUMO

Compreendendo que a garantia do direito de acesso, permanência e sucesso na educação perpassa a construção da cidadania e participação social e política do cidadão, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o Plano Nacional de Educação e os pareceres e resoluções dos Conselhos de Educação, orientam a necessidade de se construir uma cidadania participativa, com a formação de sujeitos de direito, conhecedores e praticantes do real significado de democracia e justiça e reconhecimento da diversidade social brasileira. Na emergência de construir canais de participação, a escola estadual de educação básica, objeto deste estudo, buscou reformular, de forma participativa, o projeto político pedagógico, buscando uma aproximação com a realidade do aluno e da sociedade em que vivemos. Nesse contexto, este trabalho apresenta-se como um estudo de investigação quantitativa e qualitativa que buscou, a partir de um processo de interpretação e atribuição de significados, usando métodos e técnicas estatísticas, compreender o perfil e o que pensa o jovem aluno desta escola. Segmento que mais apresentou resistência nesse processo de participação, os jovens alunos do ensino médio politécnico são oriundos de uma grande diversidade sócio-cultural (uma vez que não há escolas privadas no município). Assim, buscou-se melhor compreender as relações que estabeleciam com a escola a partir da aplicação de um questionário e de entrevistas, construindo uma caracterização do perfil e do que pensam estes sujeitos. O resultado da pesquisa contribuiu para desconstruir diversas ideias de senso comum produzidas a respeito dos jovens, como ideia de que a escola parece se mostrar distante dos interesses e necessidades da maioria dos jovens, considerada uma obrigação necessária devido à necessidade de obtenção de certificação/diploma, ou ainda que os professores pouco acrescentariam a sua formação. Com aporte em autores como Juarez Dayrell e Paulo Carrano (2014) os dados da pesquisa acabam por mostrar um cenário bastante diferente: a maioria dos alunos relacionam a escola como um espaço de busca do conhecimento e tem o professor como fundamental na sua formação. Surge, dessa forma, uma reconstrução do perfil do jovem na escola, que descreve uma “escola dos sonhos” diferente da que tem hoje, principalmente com relação à infra-estrutura, reconhece que ela não é valorizada pelos governantes como deveria, mas, acima de tudo gosta de estar na escola.

Palavras-chave: Juventude; Participação; Gestão Democrática;

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>1. A GESTÃO DEMOCRÁTICA E OS JOVENS: DESAFIOS PARA A ESCOLA.....</b>	<b>7</b>
<b>2. PARA MELHOR CONHECER, PESQUISAR: APORTES METODOLÓGICOS.....</b>	<b>13</b>
<b>3. OLHANDO A REALIDADE: O PERFIL E O QUE PENSAM OS JOVENS SOBRE A ESCOLA.....</b>	<b>15</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>24</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>27</b>

## INTRODUÇÃO

A gestão democrática como princípio da educação nacional, presença obrigatória em instituições escolares públicas, é a forma dialogal e participativa com que a comunidade educacional se capacita para levar a termo um projeto pedagógico de qualidade, do qual nasçam cidadãos ativos, participantes na sociedade, não apenas como profissionais compromissados, mas como sujeitos políticos (CURY, 2007, p.07).

Entendendo que a gestão democrática implica o diálogo como forma de encontro das pessoas e de solução de conflitos, voltada para um processo de decisão baseado na participação e na deliberação pública, expressa um anseio de crescimentos dos indivíduos como cidadãos e do crescimento da sociedade enquanto sociedade democrática.

A escola estadual de educação básica, objeto deste estudo, conta com uma diversidade grande de alunos, principalmente no aspecto sociocultural, atendendo, neste caso, um público de alto poder aquisitivo local, já que o município não possui escolas particulares. A comunidade escolar é presente no cotidiano e exigente, porém, pouco participativa no que tange à gestão democrática. Neste contexto, o segmento que mais tende a apresentar resistência nesse processo é dos alunos, e essencialmente dos jovens.

O Conselho Escolar, formado por representantes de todos os segmentos da escola, que deveria ser um órgão parceiro da gestão escolar, buscando contribuir na gestão administrativa, financeira e pedagógica, encontrava um grande problema na composição do segmento dos alunos, pois todos estavam interessados em eleger um de seus pares, mas nenhum disposto a ser eleito.

Apesar da escola possuir um Conselho Escolar, este não é totalmente atuante: o grupo é limitado e a maioria dos integrantes atua somente como fiscais financeiros, acompanhando movimentações de recursos e validação de documentos. Embora essa realmente seja uma das suas atribuições, não é a única. A limitação das suas funções (deliberativa, consultiva, fiscal e mobilizadora) muitas vezes se deve a falta de disponibilidade dos membros em participar ou ainda a falta de tempo para atuar. A participação de todos passou a ser apenas uma possibilidade, não uma garantia.

Nesse contexto, o Projeto Político Pedagógico existente precisava ser repensado e reformulado, mas o principal problema era a falta de participação e envolvimento nesse

processo: eram necessários momentos de estudos, reflexões e dedicação e, sobretudo, participação de todos os segmentos nesse processo de planejamento, inclusive buscando sua aproximação com a aplicação, com a realidade do aluno e da sociedade.

A problematização para este estudo inicia desse processo. A partir da necessidade de avaliar as práticas escolares e construir um novo projeto político pedagógico era necessário desenvolver um processo participativo de avaliação e planejamento. Surgiu então o primeiro empecilho: como a escola era vista pelos alunos? Como os jovens, que não se mostravam muito disposto a participar das discussões e reuniões via a escola e o ensino ofertado, poderiam envolver-se? Estavam satisfeitos com a escola que tinham? Como era a relação com os professores? A partir destas indagações, foram surgindo inúmeras perguntas que precisavam de respostas.

O objetivo deste trabalho é analisar e refletir acerca desse processo, reconstruindo o perfil do aluno desta escola, para servir de sustentação para recomendações, melhorias e direcionamento de ações dentro do espaço escolar, incentivando a participação de todos, já que a escola em questão tem sua educação voltada para formação cidadã. A proposta é conhecer, analisar e refletir para transformar o contexto dessa escola.

## 1. A GESTÃO DEMOCRÁTICA E OS JOVENS: DESAFIOS PARA A ESCOLA

Inicialmente, quando o assunto é Gestão Democrática é necessário que se entenda que esse é um processo de luta tanto de educadores como de movimentos sociais organizados em busca de uma educação pública democrática e de qualidade que ocorre há décadas. Essa luta foi intensificada a partir da década de 80, com a promulgação da Constituição Federal em 1988, que em seu artigo 206 estabelece os princípios para a educação no Brasil:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
- III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- V - valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas (*Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006*);
- VI - gestão democrática do ensino público, na forma da lei;
- VII - garantia de padrão de qualidade.
- VIII - piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal (*incluído pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006*).

Tais princípios ganharam detalhamento e amplitude ao se reproduzirem nas Constituições Estaduais e em Leis Orgânicas. A partir destes princípios, surgem também outras regulamentações em leis complementares, dentre as quais é importante mencionar a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394/96) que estabelece as diretrizes gerais para a educação nacional, amparando tais princípios constitucionais, bem como a gestão democrática. Em seu *artigo 14*, estabelece como princípio para a implementação da gestão democrática a participação da comunidade escolar local em conselhos escolares ou equivalentes.

Outro documento importante neste processo de reordenamento legal foi o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei nº. 8.069/1990) que garantiu o acesso à educação e a permanência na escola. O Plano Nacional de Educação (PNE – Lei nº 10.172/2001) também

foi construído a partir de longo processo de disputas e polêmicas e cujo resultado foi de certo modo frustrante, pois não representou o avanço democrático que era esperado.

Com relação ao financiamento da educação, uma lei importante para o ensino fundamental foi a que instituiu o FUNDEF (Lei nº 9.424/1996), impondo a redistribuição dos recursos entre municípios e estados com relação ao número de alunos matriculados. Nesta caminhada para a gestão democrática foram muitas as leis que consolidaram processos participativos de políticas públicas, conselhos representativos, eleições para diretores, repasses de recursos, entre tantas outras. Mas é necessário repensar que, na prática, essa realidade ainda está muito longe do que é formalizado.

A situação ainda é crítica na educação, mesmo com os avanços alcançados no campo do acesso à escola. Muitas foram as conquistas e muitos são os desafios. Mas a busca pela escola democrática é um processo contínuo. A luta pela democracia tem na educação seu alicerce e, portanto, deve ser valorizada como prática política e pedagógica.

A gestão democrática busca a garantia da autonomia escolar, o financiamento das escolas pelo poder público, a escolha dos dirigentes escolares, a construção de regimentos em bases democráticas, planejamento participativo, avaliação institucional, a participação efetiva de todos os segmentos da comunidade escolar: pais, professores, funcionários e estudantes na administração dos recursos financeiros da escola, nos processos administrativos, na elaboração e avaliação dos projetos político-pedagógicos, na criação de órgãos colegiados.

A democratização das relações que envolvem a organização e o funcionamento efetivo da instituição escolar é um assunto bastante discutido atualmente. Com ele, surgem várias medidas que vêm sendo tomadas com o objetivo de promover a partilha do poder entre dirigentes, professores, pais e funcionários. Uma das justificativas mais debatidas é de facilitar a participação de todos os envolvidos nas tomadas de decisões relativas ao exercício das funções da escola com vistas à realização de suas finalidades.

As medidas visando à maior participação dos usuários da escola e demais envolvidos em sua prática nos destinos da escola pública básica podem ser agrupadas em três tipos: as relacionadas aos mecanismos coletivos de participação (conselho de escola, associação de pais e mestres, grêmios estudantis, conselho de classe); as relativas à escolha democrática dos dirigentes escolares; e as que dizem respeito a iniciativas que estimulem e facilitem, por outras vias, o maior envolvimento de alunos, professores e pais nas atividades escolares.

Destaque merecido deve ser dado ao Conselho de Classe e o Conselho Escolar, que experimentaram vida mais intensa nesse período. O primeiro com seu papel proeminente na avaliação escolar e sua importância determinante na participação de estudantes (e mesmo de



pais) nas tomadas de decisões a respeito do desempenho pedagógico de professores e demais educadores escolares, objetiva a contribuição de opiniões, expectativas e interesses para uma prática pedagógica mais adequada.

O segundo, motivo de polêmicas, expectativas e esperanças nas últimas décadas, é o mecanismo de ação coletiva na escola mais acionado. O Conselho Escolar acaba: temido por diretores que receavam perder seu poder no controle da unidade escolar; reivindicado por professores e suas entidades sindicais que pretendiam com ele minimizar o autoritarismo do diretor e ter acesso ao poder nas unidades escolares; sendo objeto de luta de movimentos populares que viam nele a oportunidade de reivindicar mais e melhor educação.

O Conselho Escolar, junto com a eleição de dirigentes escolares, têm sido as práticas mais conspícuas das políticas educacionais daqueles sistemas de ensino que aceita o desafio de democratizar a escola. Muito embora suas atribuições de partilha do poder nem sempre se realizem inteiramente de acordo com os desejos de seus idealizadores ou como constam nos documentos legais que o institucionalizam, o conselho escolar permanece como um instrumento importantíssimo dentro da escola, buscando contribuir na gestão administrativa, financeira e pedagógica, contando com a participação de representantes de todos os segmentos.

A reivindicação da escolha de diretores escolares por meio de processo eletivo teve início na década de 80, juntamente com o processo de redemocratização política do país, e trouxe muitas expectativas para os envolvidos. Uma delas, segundo Paro (1996) estava relacionada a uma das justificativas para a realização de eleições escolares: baseava-se na necessidade de neutralização das práticas tradicionais, principalmente do favorecimento pessoal e das influências políticas, bem como os interesses clientelistas. Tais males ainda não foram totalmente abolidos da escola, mesmo com a implantação do processo eletivo, mas verificamos que, com o passar do tempo, sofreram redução, embora seja possível relacionar a prática de “*tais males*” com a prática política do gestor e com a falta de prática democrática e exercício de cidadania da comunidade escolar.

A transição nos processos eleitorais para diretores de escola entre o critério político-partidário para o democrático indicava grandes mudanças no aspecto do perfil do diretor, pois a gestão democrática pressupõe mudanças de condutas. Tal mudança coloca o diretor numa situação de dubiedade entre o poder do Estado e as reivindicações da comunidade escolar. Antes essa situação era mais fácil, recebia determinações superiores e as impunha aos seus comandados. Agora sente que tem obrigação para com o Estado, mas não pode deixar de

ouvir aqueles que o elegeram, precisa fazer prevalecer a obrigação com a escola, para o melhor atendimento e funcionamento, na busca pela qualidade no ensino.

No Rio Grande do Sul, a Lei Nº 10.576, de 14 de novembro de 1995 (atualizada até a Lei n.º 13.990, de 15 de maio de 2012), dispõe sobre a Gestão Democrática do Ensino Público e dá outras providências. Com base no seu art. 41, os Conselhos Escolares, resguardados os princípios constitucionais, as normas legais e as diretrizes da Secretaria da Educação, terão funções consultiva, deliberativa, executora e fiscalizadora nas questões pedagógico-administrativo-financeiras. E, no seu art. 40 e 44, encontramos orientações quanto a sua composição: os estabelecimentos de ensino estadual contarão com Conselhos Escolares constituídos pela direção da escola e representantes eleitos dos segmentos da comunidade escolar, sendo composto por número ímpar de conselheiros, não podendo ser inferior a 5 (cinco), nem exceder a 21 (vinte e um).

Com os desdobramentos do plano Nacional de Educação (PNE 2011-2020) são muitas as discussões sobre gestão democrática, inclusive do ponto de vista da participação e apoio de toda a comunidade escolar. A transformação da escola num espaço de participação plena, combatendo as desigualdades de participação e acesso aos bens culturais, assim como o reconhecimento da escola como lugar da construção democrática se faz pelo estímulo à participação dos alunos e de suas famílias em diferentes espaços de deliberação dos rumos da escola.

Tal modelo de escola já foi defendido por Paulo Freire em suas obras, na busca de uma escola que educa através da participação e não somente prepare para a participação plena.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. (FREIRE, 1996, p. 46).

A percepção da escola como possibilidade de participação passa a ser um desafio para os componentes do cotidiano escolar. De acordo com Azevedo e Mendonça (2012), o democrático se constrói pela riqueza das diferenças e pela possibilidade de participação plena dos envolvidos neste processo, onde o diálogo é a principal metodologia para que todos possam ter suas vozes ouvidas. E complementar tal frase: “ouvidas e respeitadas”. A participação deve ser vista também no aspecto pedagógico, pois no exercício dela vamos

aprendendo e ensinando várias habilidades como por exemplo: ouvir, falar, ganhar, perder, compreender, estudar e, principalmente, dialogar e respeitar.

Paulo Freire (1996) já defendia que o diálogo verdadeiro se faz a partir do amor, da humildade, da fé nos homens e do pensamento crítico. Ele traz o amor como compromisso de assumir riscos por um objetivo que transcenda exclusivamente o benefício pessoal. Quando fala em humildade, ele nos adverte que a autossuficiência é incompatível com o diálogo:

Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta muito a caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais. (FREIRE, 1996, p.46)

A fé nos homens a que se refere Freire está relacionada a crença na capacidade humana de reinventar incessantemente o mundo e a vida, pois segundo ele somente estes podem se relacionar através do diálogo. Tais princípios somente ganham sentido se estiverem orientados por um pensar crítico, que é um pensar que percebe a realidade como processo.

A escola também é lugar para a realização da democracia. E, sendo assim, os que pensam a democracia como participação precisam colaborar para que a escola seja um espaço aberto. (AZEVEDO; MENDONÇA, 2012). Quando abrimos a possibilidade de participação, forma-se uma rede de diferentes visões e opiniões acerca de um determinado assunto, e a riqueza está necessariamente nesta diversidade que precisa ser valorizada para contribuir na produção coletiva do espaço escolar.

Segundo Gandin (2001), em seu livro *Escola e Transformação Social*, os sinais dos tempos nos chamam a participar: não somente a uma participação concedida e controlada, mas a uma participação que signifique realmente uma posse do poder para orientar sua ação. Chegamos num tempo em que a participação deixa de ser um desejo e passa a ser uma possibilidade.

O autor cita ainda que as formas de participação na escola, assim como em outros espaços, podem ser distribuídas ao longo de uma linha na qual temos nos extremos, de um lado a conservação e de outro a transformação. Menciona ainda que, a participação escolar no Brasil, poderia ser dividida em três níveis: o primeiro seria a colaboração (está do lado conservador), na qual estamos sendo funcionalistas para melhorá-la; o segundo nível é o que chamamos de decisão (também conservador, talvez de transição), em que os segmentos, principalmente professores, seguidos de pais e alunos são chamados a decidir entre duas ou três alternativas já selecionadas e controladas pelo gestor; e finalmente o terceiro nível, a construção em conjunto (transformação), em que as pessoas realmente participam por que a

elas são designados rumos que se deva imprimir a escola, ocorre através da implantação de um processo participativo de planejamento.

Nas relações escolares, ao mesmo tempo que as práticas autoritárias acontecem, os segmentos da escola desenvolvem novos caminhos, tanto de oposição e resistência a este autoritarismo, como de reinvenção de possibilidades de participação no cotidiano escolar. O diálogo traz consigo várias alternativas para romper com tais práticas autoritárias, ampliando e enriquecendo a experiência de vida e de escola dos envolvidos.

E para tanto, para que a participação dos envolvidos seja significativa, é preciso que exista também a conscientização sobre a capacitação dos mesmos. Para discutir, opinar, sugerir e decidir é preciso, primeiramente, que se tenha conhecimento sobre o assunto. Não há como participar de algo que não se conhece.

Para que ocorra a participação efetiva da comunidade escolar, ou seja, que todos os segmentos se apossam e atuem dentro de seus legítimos direitos individuais, coletivos, sociais e políticos, é necessário que o gestor, juntamente com o Conselho Escolar, estimule o trabalho conjunto criando um ambiente propício para esse trabalho.

A Gestão Democrática tem por objetivo a melhoria na qualidade do ensino oferecido através do conhecimento da realidade da comunidade para que seja possível direcionar o ensino para suas necessidades, diminuindo dessa forma a distância existente entre a teoria e a prática. “Trata-se de buscar, na educação, conhecimentos e habilidades que permitam uma melhor compreensão da realidade e envolva a capacidade de fazer valer os próprios interesses econômicos, políticos e culturais” (GRZYBOWSKI, 1986 *apud* FRIGOTTO, 2000, p.26)

## **2. PARA MELHOR CONHECER, PESQUISAR: APORTES METODOLÓGICOS**

Para desenvolver uma pesquisa se faz necessário, primeiramente, uma atitude científica que se distingue da atitude costumeira de reflexão sobre a realidade. Quando assumimos uma atitude investigativa, o que costumeiramente vemos como coisas, fatos e acontecimentos do dia-a-dia, passam a serem problemas investigativos, elementos e dados de pesquisa que merecem ser conhecidos, compreendidos e explicados.

A pesquisa significa, então, um conjunto de procedimentos lógicos e epistemológicos que visam resolver problemas reais, ajudando na construção de caminhos possíveis na resolução destes problemas num campo específico do saber humano.

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de investigação, considerando que se baseia em um processo de interpretação e atribuição de significados, não requerendo para isso o uso de métodos e técnicas estatísticas.

Na pesquisa qualitativa o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados que, neste caso específico, foi uma escola pública estadual. Neste tipo de pesquisa o pesquisador é o instrumento-chave no processo, sendo que o mesmo possui uma tendência a analisar seus dados indutivamente.

A opção por modalidades qualitativas de investigação tem sido cada vez mais freqüente na pesquisa em educação. Com relação à educação, o interesse pela qualidade dos fenômenos, fatos e acontecimentos tem sido maior que os números quantitativos que escamoteiam a dimensão humana, a pluralidade e interdependência dos fatos, acontecimentos e fenômenos educacionais (PONTE, 1994, apud ARAÚJO et al., 2008, p.5)

A pesquisa qualitativa busca respostas para perguntas que destacam o modo como as experiências educacionais, pedagógicas e sociais, no contexto das instituições educacionais, acontecem. Enquanto a pesquisa quantitativa investiga a realidade em busca de dados que objetivamente trazem à luz fenômenos, indicadores e tendências observáveis, a investigação qualitativa busca dados observáveis em que o pesquisador inserido ao campo de pesquisa vai desvelar valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões para entender, interpretar e compreender fatos e processos.

Como relatam Coutinho e Chaves (2002, apud ARAÚJO et al., 2008, p.5) “se é verdade que na investigação educativa em geral abundam, sobretudo os estudos de caso de

natureza interpretativa/qualitativa, não menos verdade é admitir que, estudos de caso existem em que se combinam com toda a legitimidade métodos quantitativos e qualitativos”. Nesse sentido, para este estudo, associei uma abordagem qualitativa de análise dos fenômenos escolares com uma aplicação de questionário que gerou dados quantitativos. O fato do investigador estar pessoalmente envolvido no estudo lhe confere um caráter descritivo, sendo, portanto, considerado, um estudo qualitativo. O objetivo geral de um estudo de caso, segundo Gomez, Flores e Jimenez (1996, apud ARAÚJO et al., 2008, p.9), é “explorar, descrever, avaliar e/ou transformar”.

Para pesquisar precisamos de métodos e técnicas que nos levem criteriosamente a resolver problemas. [...] é pertinente que a pesquisa científica esteja alicerçada pelo método, o que significa elucidar a capacidade de observar, selecionar e organizar cientificamente os caminhos que devem ser percorridos para que a investigação se concretize (GAIO, CARVALHO e SIMÕES, apud SILVA, 2009, p.4).

Assim, para a coleta de dados, foram selecionadas, conjuntamente com a equipe diretiva e coordenação pedagógica, questões para compor um questionário organizado nos seguintes temas: escola, trabalho, cultura, relações humanas e tecnologias. A aplicação do questionário foi realizada com alunos matriculados no Ensino Médio Politécnico de uma escola pública estadual, sendo todos solteiros, sem filhos, que não trabalham, moram com familiares e com faixa etária entre 14 e 17 anos. O questionário foi respondido individualmente pelos jovens em sala de aula, no mês de março de 2015, sendo coletados dados referentes, principalmente, ao seu modo de ver a escola e os professores, sua relação com a família, seus planos para o futuro, a cultura, o uso da tecnologia, entre outros.

A partir desses dados e de observações de campo, vamos apresentar algumas análises e leituras acerca da realidade desses sujeitos, refletindo sobre os contextos da participação dos jovens nos processos relacionados à gestão democrática.

### **3. OLHANDO A REALIDADE: O PERFIL E O QUE PENSAM OS JOVENS SOBRE A ESCOLA**

A primeira ação realizada foi uma reunião com a direção, supervisão, orientação e conselho escolar realizada em dezembro de 2014 para discussão sobre os temas e problemas relacionados à realidade escolar e situação atual do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

Foi um encontro difícil de acontecer, adiado por diversas vezes, mas muito importante para analisar e repensar algumas situações do ponto de vista geral de diferentes segmentos, entre eles foram citados temas tais como: avaliação, conselho de classe participativo, presença da comunidade na escola, distância entre teoria e prática, excesso de burocracia, resistência por parte dos alunos em participar das atividades e reuniões na escola ou até mesmo em representar seu segmento no momento da formação de chapas para eleição de conselhos de pais e mestres (CPM) ou conselho escolar.

Ao examinar o atual Projeto Político Pedagógico, encontramos um material teórico muito bem elaborado, mas totalmente fora da realidade e da prática da escola. Dentro do modelo de gestão democrática, um dos aspectos considerados pelo grupo como sendo de suma importância é a construção participativa de um Projeto Político Pedagógico. O atual PPP não foi feito coletivamente, ou seja, não atinge seu objetivo, precisava ser refeito/atualizado para que pudesse servir de rumo para as demais ações dentro da escola. E essa foi escolhida como uma das metas a serem desenvolvidas: atualização do PPP.

Para atualizar o Projeto Político Pedagógico da escola, primeiramente, era preciso encontrar a realidade atual da escola. Como encaminhamento, realizar um levantamento de dados realizado durante o mês de janeiro de 2015, visando coletar os dados referentes aos principais índices (aprovação, reprovação, evasão, cancelamentos e transferências), e desta forma conhecer a realidade da escola, bem como buscar soluções para os problemas encontrados. Os resultados foram organizados e os dados convertidos em gráficos para facilitar a visualização, já que os mesmos seriam apresentados aos professores, coordenação pedagógica e equipe diretiva no retorno das férias.

Conforme planejado, foi realizada a reunião em fevereiro de 2015, tendo por objetivo apresentar os dados levantados até o momento e organizar e debater pontos e temas que

serviriam de base para a elaboração das questões que iriam compor um questionário que seria aplicado junto aos alunos da escola. A grande maioria dos componentes destes segmentos estavam presentes. Os resultados apresentados causaram bastante surpresa para a grande maioria dos presentes, principalmente quanto aos índices de reprovação. Ao longo da reunião, a partir das discussões e aspectos levantados, surgiram vários temas e enfoques que não tinham sido pensados pela equipe da reunião inicial, reforçando dessa forma a importância da participação e envolvimento de todos na construção de uma escola participativa. A oportunidade serviu para a equipe diretiva agradecer e valorizar a participação de todos, organizando um dia e horário fixo para encontros e reuniões da escola, visando estabelecer uma rotina e conseguir, desta forma, a participação de todos.

Dando prosseguimento a este processo, o objetivo era conhecer o aluno da escola, principalmente os jovens do ensino médio. Pensando nisso, juntamente com a equipe diretiva e a coordenação pedagógica, organizou-se um questionário a ser aplicado entre os alunos do Ensino Médio Politécnico. A aplicação foi realizada durante o mês de março de 2015, sendo o questionário bem recebido pelos alunos e respondido de forma tranquila, totalizando 45 respondentes. A tabulação dos resultados foi feita entre os dias 25 de março e 08 de abril de 2015; a elaboração da apresentação dos resultados ficou para ser entregue entre os dias 22 e 30 de abril de 2015; a apresentação dos resultados para todos os segmentos, em reunião geral, ocorreu durante o mês de maio de 2015.

Com base na análise dos resultados obtidos a partir dos questionários aplicados, foi possível visualizar uma realidade muito diferente do que vínhamos imaginando a respeito do perfil do jovem, do aluno.

Quando estamos dentro das escolas não é raro recebermos reclamações sobre os problemas causados pelos jovens no cotidiano escolar, tais como a indisciplina, a irresponsabilidade, a dispersão (principalmente pelo uso de celulares), a falta de respeito, a agressividade entre os próprios jovens, a rebeldia e a afronta, entre outros. Um dos problemas é ocasionado pela dificuldade de relacionamento entre professores, gestores e alunos, não existindo um único culpado. Inclusive esse dado se confirmou na pesquisa: quando perguntados sobre a indisciplina, a agitação, e demais problemas do cotidiano escolar, 60% dos alunos justificaram que a responsabilidade é de todos os envolvidos (professores, gestores, alunos e família).

É muito comum encontrarmos, principalmente na mídia em geral, relatos de jovens com inúmeras reclamações em relação à escola, especialmente que ela não atende aos seus interesses e necessidades, tornando-se uma obrigação necessária. Tais relatos vão contra os



resultados obtidos nesta pesquisa: apenas 11% dos alunos consideram a escola algo chato e obrigatório; 82% deles vêem a escola como um espaço de busca do conhecimento; sendo que a maioria destes também a relaciona a oportunidade de realização. Claro que surgiu também que a escola poderia ser melhor (47%), mas dentro das citações destacaram-se solicitações principalmente ligadas à realização de turno integral, oficinas diversas, ampliações e melhorias no prédio.

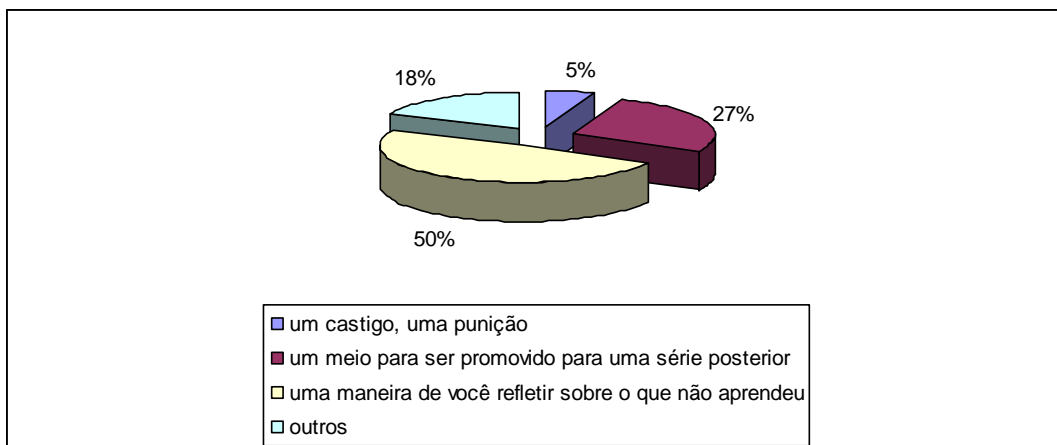
Quando questionados sobre como seria a escola de seus sonhos surgiram muitas respostas interessantes. A escola ideal deveria ter, segundo eles, turno integral; uniforme para evitar desigualdades; blogs com indicações de materiais de estudo e lembretes para estudar, bem como datas de provas e trabalhos; oficinas diversas (tecnologias, computação, teatro, música, dança, futebol, natação, artes marciais); ar condicionado; tablets para os alunos; variados esportes; áreas cobertas; armários para os alunos; formatura para o Ensino Fundamental e Médio; multimídia em todas as salas; internet liberada; recreio mais longo (20 minutos); almoço a R\$ 2,00 para todos os alunos; alunos que se respeitassem; menos discriminação; ser como é, mas sem matemática; projetos variados; estágios em empresas; integração com a família; maior preocupação dos governantes em investir na qualidade da educação e infra-estrutura; direção que entendesse o aluno e não ficasse chamando os pais. Quanto aos professores, veio a solicitação: mais pontuais; que sentissem prazer em ajudar os alunos com dificuldades; que motivassem os alunos a estudar; que não ficassem perguntando sobre a vida pessoal do aluno; aulas mais dinâmicas e divertidas.

Analisando as respostas obtidas, percebemos a existência de discriminação social, o incômodo pelas intervenções feitas junto à família em casos específicos, o pedido por melhorias no seu conforto (armários, áreas cobertas, ar condicionado) e para atender suas necessidade de uso da internet e tecnologias ligadas a informação, e, novamente a evidência de que eles gostam de estar na escola através da citação de turno integral, almoço para todos na escola, oficinas e projetos variados e ainda, a integração com a família (cuja importância também foi comprovada) complementando o ciclo. Mas, contudo, também constatam a necessidade de investimentos na qualidade da educação e infra-estrutura.

Outra situação comum está relacionada às críticas aos professores: é comum a declaração de alunos que criticam seus professores, desvalorizando essa figura e seu papel na escola, apresentando-os como “desnecessários e chatos”. Os resultados da pesquisa apontam que 65% dos alunos vêem o professor como fundamental na sua formação; 28% deles identificam a função do professor com a ajuda a buscar conhecimento e apenas 7% relacionam sua função à transmissão de informações sem sentido e que não fará diferença

para o seu futuro. As aulas e conteúdos são tidos como significativos para sua vida para 87% dos alunos respondentes.

Outro aspecto importante diz respeito à avaliação: quando questionados sobre o significado da avaliação, 50% dos alunos a entende como uma maneira de refletir sobre o que não aprendeu, conforme mostra o gráfico abaixo. Quando perguntados: “Para você a avaliação é:” obtivemos as seguintes respostas:



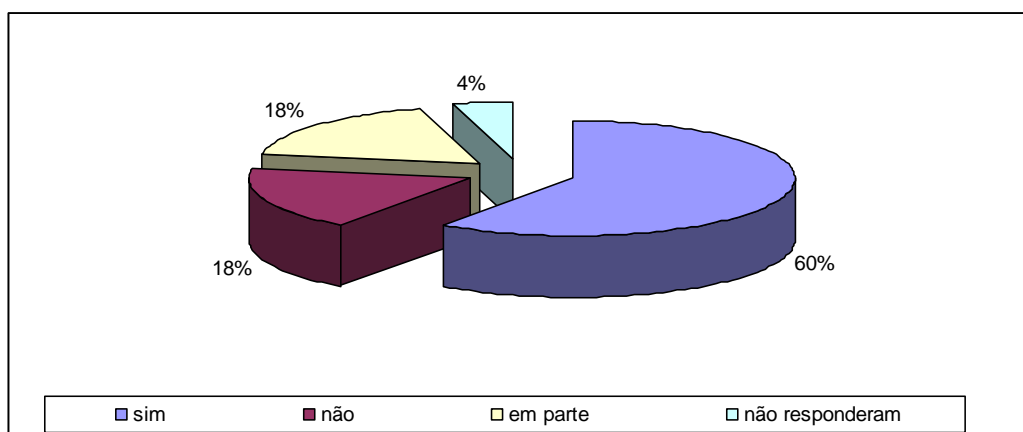
No campo “Outros”, encontramos respostas tais como: testar o conhecimento (5 respostas); deveria ir muito além de apenas provas; maneira de melhorar; um modo de mostrar se as aulas estão realmente ajudando na aprendizagem; mostrar o que aprendeu; um incentivo para aprender.

Contrariando o pensamento sobre os jovens serem imediatistas e sem elaborar planos para o futuro, nos deparamos com apenas 24% dos pesquisados declarando não ter projetos profissionais; sendo que 47% dos alunos têm por objetivo entrar no ensino superior. Com relação ao trabalho, outra surpresa, para 60% dos alunos o trabalho deveria ser uma maneira de realização pessoal, embora 53% também o veja como uma forma de buscar a autonomia financeira.

Encontramos também uma lacuna na relação da escola como um ambiente para o aluno falar, discutir, compartilhar seus projetos de vida: somente 36% dos alunos concordam com tal relação e 51% deles declararam que reconhecem em parte essa relação. Outro espaço a ser preenchido na escola diz respeito a sua relação com o trabalho, a grande maioria dos jovens questionados solicitam encaminhamentos para o mundo do trabalho e incentivos às escolhas profissionais.

Quando o assunto é cultura, surge o pedido de maior vinculação entre os conteúdos trabalhados e as manifestações e representações culturais através dos dados: 24% dos alunos declara que a escola não atende a esse requisito. Os alunos pedem também maior incentivo da escola com relação à participação deles em movimentos sociais através de projetos, pesquisas, palestras, debates, oficinas, divulgação de oportunidades.

Quando afirmado que a escola é lugar de alegria, diversão, conhecimento e fazer amigos, compartilhar experiências, valores, projetos de vida e questionado se isso hoje acontece na sua escola, a maioria, 60%, respondeu que sim, conforme mostra gráfico abaixo, elementos que dialogam com o que já tínhamos visto em questões anteriores. No que se refere com relação à assiduidade dos alunos na escola e pela presença dos mesmos, inclusive em turnos inversos, no ambiente escolar, confirmam as indicações de que nesta escola os alunos manifestam gostar de estar no espaço escolar.



No momento em que o assunto passa a ser relações humanas, quando questionados sobre como a sociedade valoriza o jovem no mundo atualmente: 58% dos alunos relacionaram a imagem do futuro a se realizar; 36% dos jovens pesquisados declararam que a sociedade os vê como um problema; e somente 9% deles acreditam que são vistos como alguém que possui uma individualidade no presente e que deve ser respeitado.

A sociedade, ao mesmo tempo em que ambiciona ser e parecer jovem, principalmente com relação à imagem (estética e energia), não dá espaço ao jovem para que o mesmo possa manifestar-se, produzindo estereótipos errados que interferem na visualização real das juventudes. É comum a produção da imagem da juventude como uma passagem, um momento de transição, e segundo Dayrell e Carrano (2014), a tendência sob tal aspecto é enxergar a juventude pelo lado errado: “ é destituí-lo de sua identidade no presente em função

da imagem que projetamos para ele no futuro” (DAYRELL; CARRANO, p.106). Outra imagem errônea muito divulgada na mídia é da juventude como uma idade de vida problemática:

Enxergar o jovem pela ótica dos problemas é reduzir a complexidade desse momento da vida. É preciso cuidar para não transformar a juventude em idade problemática, confundindo-a com as dificuldades que possam afligi-la. É preciso dizer que muitos dos problemas que consideramos próprios dessa fase, não foram produzidos por jovens”. (DAYRELL; CARRANO, 2014. p.107).

Outro resultado que surpreende foi obtido quando a pergunta era relacionada aos valores que eles consideravam importantes: 48% destacaram o respeito; 20% a solidariedade; 20% a ética; 7% o individualismo; e 5% outros, como determinação, gentileza, honestidade, compreensão e dignidade. Para um grupo que geralmente é representado como “desviante”, desconhecedores de valores essenciais, esse resultado surpreende. Assim como também foi inesperada a resposta obtida dos jovens alunos quando questionados sobre o papel da família na sua vida: dos 45 questionários apenas 01 não declarou ser muito importante; pois marcou a opção “outros” e justificou como sendo essencial.

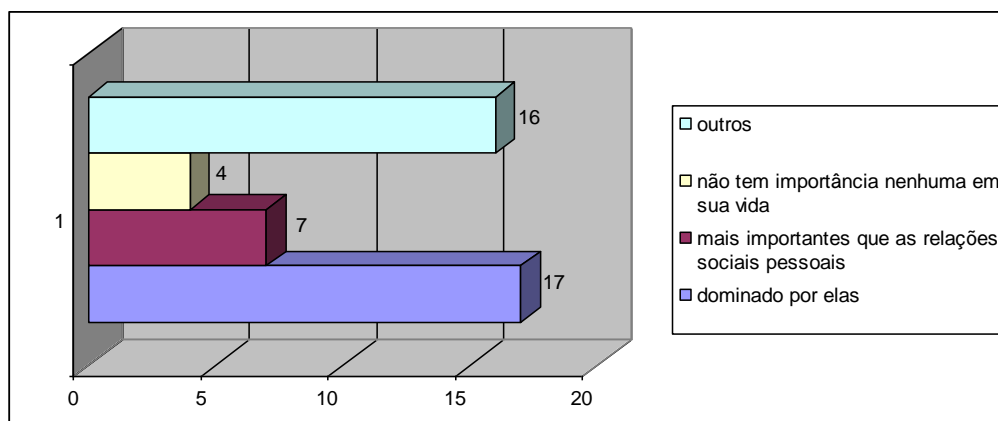
A família mostra sua importância também no momento de solução de problemas e conflitos: 62% dos alunos pedem ajuda da família para resolvê-los. E os familiares servem como referência de vida a ser seguida de acordo com os resultados obtidos: 29% dos questionados citaram os pais; 7% irmãos; 7% outros familiares; 20% citaram outras pessoas (principalmente celebridades); 30% não responderam e 7% declararam não possuir referência.

Com relação às tecnologias, os alunos relacionaram o uso da internet a um espaço de busca de conhecimento (76%); a uma atividade de lazer (56%) e a um espaço de relacionamento com outras pessoas (33%). Segundo eles, as tecnologias melhoraram a vida das pessoas (67%), mas para 40% deles as tecnologias também distanciaram as pessoas em relações pessoais; e para alguns é impossível fazer parte da sociedade sem elas (13%). Alguns fizeram colocações com respeito a isso: “aproximaram as pessoas e diminuíram as diferenças”; e “melhoraram a vida, mas se não souber usar ocorre o contrário”.

Quando questionados sobre a relação entre seu comportamento na sociedade (estilo, gostos, expressões) e o que compartilham nas redes sociais, visualiza-se a importância dada a tais redes: 26% deles marcaram que sim, que existe tal relação; 55% declaram haver uma relação parcial e somente 17% afirmaram não haver relação, sendo que 2% não responderam.

Com relação ao uso das mídias na escola, a maioria dos alunos define como muito importante (71%). Conforme gráfico representado abaixo, visualizamos os resultados obtidos

com relação à importância das novas tecnologias na vida dos jovens. Dos 45 questionados, 16 marcaram “outros” e destes 12 declaram como importante. Chama a atenção que 17 deles, equivalente a 38% deles, se assumem dominados pelas tecnologias.



Nesse sentido, reafirma-se o que Dayrell e Carrano (2014) destacam, que para desenvolver um trabalho de formação humana que contemple a totalidade dos jovens estudantes, conforme determinam as Diretrizes Curriculares, é preciso conhecer o jovem para podermos compreendê-lo. E ainda, reconhecer experiências, saberes e identidades culturais para que o relacionamento e o diálogo possam acontecer dentro da escola.

Pensar o jovem como problema, baseado em modelos negativos e socialmente construídos, faz com que corramos o risco de produzir imagens equivocadas sobre juventude. De acordo com Dayrell e Carrano (2014), esse é o caminho para construir uma educação pelo “caminho da falta”, enfatizando aspectos negativos e peças idealizadas que faltariam para compor o nosso tipo ideal de jovem. É bem comum encontrarmos adultos projetando em novas gerações lembranças, valores e idealizações próprias de sua própria juventude, ou de uma época projetada. Isso ocorre comumente com relação à participação política, com a lembrança da geração de jovens da década de 60, mostrando aos jovens atuais como eles não são mobilizados, críticos, conscientes e participantes.

A juventude assume sua importância como um momento de inserção social, afetiva e profissional. Tal realidade vai sendo descoberta, adquirindo contornos próprios, de acordo com os contextos históricos, sociais e culturais. Reconhecer suas potencialidades e possibilidades, e não apenas a partir de seus problemas, faz do jovem um sujeito de direitos, com uma imagem alternativa reconstruída.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados analisados, é possível construir o perfil do jovem estudante de Ensino Médio Politécnico da escola objeto do estudo, e, a partir destes dados, direcionar o andamento do Projeto Político Pedagógico da escola, analisando as informações recebidas através deste estudo, valorizando os pontos positivos e tentando reconstruir os aspectos apontados como negativos ou ainda deficitários.

Ao final da pesquisa percebemos um aluno consideravelmente satisfeito com o ensino, que percebe o valor do educador que lhe orienta a partir do momento que o mesmo é significativo para sua relação com o processo de aprendizagem e existe o entendimento do processo avaliativo. Sobretudo, são alunos motivados, principalmente pela presença da família em suas vidas, e que possuem metas claras de continuar seus estudos, essencialmente buscando o ensino superior.

Os resultados foram muitos diferentes do esperado em grande parte das questões levantadas, o que causou surpresa, e em alguns momentos até mesmo dúvidas quanto à elaboração e aplicação do questionário, como se de alguma forma as respostas tivessem sido impostas de forma indireta, o que não aconteceu. O perfil do aluno encontrado neste estudo não condiz com a imagem de aluno que encontramos na maioria das pesquisas a que tive acesso, o que me fez investigar, de certa forma, o que havia de diferente entre o aluno pesquisado por mim e os demais pesquisadores, já que sabia da seriedade e responsabilidade com que haviam sido aplicados tais questionários.

Normalmente, são objetos de estudo jovens em idade mais avançada, muitos estudantes do noturno que trabalham durante todo o dia, alguns já com família constituída, e poder sócio-econômico baixo; características que por si só já indicam distorção idade-série, necessidades financeiras emergentes e conseqüente falta de expectativas e motivação. Esse foco, em si, já faz se produzir um olhar diferenciado para os alunos de escolas públicas do estado, o que pode gerar certa contradição, uma vez que este não é o único perfil de jovens que se encontram na rede. Nesse sentido, seriam necessários estudos mais aprofundados para a elaboração deste perfil.

Na escola em que realizei a pesquisa, todos os alunos questionados estavam dentro da idade-série, com faixa etária entre 14 e 17 anos, estudantes do diurno, solteiros, sem filhos, que não trabalham e moram com familiares, na maioria com os pais. Características que indicam idealizações e projeções para um futuro profissional através do estudo. E quando comparamos os dois grupos visualizamos alunos diferentes, realidades diferentes, juventudes diferenciadas e resultados, obrigatoriamente, diferentes.

Precisamos, enquanto educadores, conhecer nosso aluno, as juventudes que temos diante de nós, para refletirmos e entendermos suas realidades e necessidades. Somos toc integrantes da sociedade e como tal expressamos de alguma forma os desafios e problemas sociais. E, de certa forma, estamos procurando iniciar esse processo dentro da escola a partir desse estudo.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação; UNESCO, 2007. 342p.

ARAÚJO, Cidália et al. **Estudo de Caso: Métodos de Investigação em Educação**. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2008. Disponível em < [http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo\\_caso.pdf](http://grupo4te.com.sapo.pt/estudo_caso.pdf)>. Acesso em: 12 de out. 2015.

AZEVEDO, Elder dos Santos; MENDONÇA, Marcela Paula de. **Democracia e Cotidiano Escolar: A escola como possibilidade de participação**. In: Simpósio Nacional sobre Democracia e Desigualdades, Brasília, 2012. Disponível em: [http://moodle3.mec.gov.br/ufrgs/file.php/55/PPGE/Textos\\_Unidade\\_1/PPGE\\_UNIDADE\\_1\\_-\\_Democracia\\_e\\_Cotidiano\\_Escolar\\_-\\_a\\_escola\\_como\\_posibilidade\\_de\\_participacao.pdf](http://moodle3.mec.gov.br/ufrgs/file.php/55/PPGE/Textos_Unidade_1/PPGE_UNIDADE_1_-_Democracia_e_Cotidiano_Escolar_-_a_escola_como_posibilidade_de_participacao.pdf)  
Acesso em: 05 de set.2015.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292p.

Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm). Acesso em 05/09/2015

\_\_\_\_\_. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. São Paulo: Brasil, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em 05/09/2015

CARRANO, Paulo A Participação Social e Política de Jovens no Brasil: considerações sobre estudos recentes. **O Social em Questão**. Nº. 27, 2012, p. 83-99.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **A gestão democrática na escola e o direito à educação**. RBPAE. vol. 23. nº 3, p. 483. Set/Dez.2007.

DAYRELL, Juarez. (2007). A Escola “faz” as Juventudes? Reflexões em torno da Socialização Juvenil. **Educação e Sociedade**. Nº. 28, 2007, p.1105-1128.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e Ensino Médio: Quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, Carla Linhares (Org.). **Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 101-133.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 26

GANDIN, Danilo. **Escola e Transformação Social.** 7 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. 180p

\_\_\_\_\_, Danilo. **Algumas Questões Básicas sobre a Participação.** Disponível em: [http://moodle3.mec.gov.br/ufrgs/file.php/55/PPGE/Textos\\_Unidade\\_1/PPGE\\_UNIDADE\\_1\\_-\\_Algumas\\_Questoes\\_Basicas\\_sobre\\_a\\_Participacao.pdf](http://moodle3.mec.gov.br/ufrgs/file.php/55/PPGE/Textos_Unidade_1/PPGE_UNIDADE_1_-_Algumas_Questoes_Basicas_sobre_a_Participacao.pdf). Acesso em: 07 de out. 2014.

\_\_\_\_\_, Luís Armando. **Projeto Político-Pedagógico: Construção Coletiva do Rumo da Escola.** Disponível em: [http://moodle3.mec.gov.br/ufrgs/file.php/55/PPGE/Textos\\_Unidade\\_3/PPGE\\_-\\_UNIDADE\\_3\\_-\\_Projeto\\_Politico-Pedagogico\\_-\\_construcao\\_coletiva\\_do\\_rumo\\_da\\_escola.pdf](http://moodle3.mec.gov.br/ufrgs/file.php/55/PPGE/Textos_Unidade_3/PPGE_-_UNIDADE_3_-_Projeto_Politico-Pedagogico_-_construcao_coletiva_do_rumo_da_escola.pdf). Acesso em: 19 de out. 2014.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MEDEIROS, Isabel Letícia Pedrosa de; LUCE, Maria Beatriz. **Gestão Democrática na e da Educação: Concepções e Vivências.** Disponível em: [http://moodle3.mec.gov.br/ufrgs/file.php/55/Biblioteca\\_Geral/Sala\\_IIPPGE/Textos\\_Unidade\\_4/PPGE\\_-\\_UNIDADE\\_4\\_-\\_Gestao\\_Democratica\\_na\\_e\\_da\\_Educacao\\_concepcoes\\_e\\_vivencias.pdf](http://moodle3.mec.gov.br/ufrgs/file.php/55/Biblioteca_Geral/Sala_IIPPGE/Textos_Unidade_4/PPGE_-_UNIDADE_4_-_Gestao_Democratica_na_e_da_Educacao_concepcoes_e_vivencias.pdf)

OLIVEIRA, João Ferreira de; MORAES, Karine Nunes de; DOURADO, Luiz Fernandes. **Gestão escolar democrática: definições, princípios e mecanismos de implementação.** Disponível em: [http://escoladegestores.mec.gov.br/site/4-sala\\_politica\\_gestao\\_escolar/pdf/texto2\\_1.pdf](http://escoladegestores.mec.gov.br/site/4-sala_politica_gestao_escolar/pdf/texto2_1.pdf). Acesso em 05/09/2015

PARO, Vitor Henrique. **Estrutura da Escola e Prática Educacional Democrática.** Disponível em: [http://moodle3.mec.gov.br/ufrgs/file.php/55/Sala\\_PGE/Vitor\\_Paro-estrutura\\_da\\_escola\\_e\\_gestao\\_democratica.pdf](http://moodle3.mec.gov.br/ufrgs/file.php/55/Sala_PGE/Vitor_Paro-estrutura_da_escola_e_gestao_democratica.pdf)

\_\_\_\_\_, Vitor Henrique. **Eleição de Diretores de Escolas Públicas: Avanços e Limites da Prática.** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, v.77, n.186, p.376-395, maio/ago, 1996.

RIO GRANDE DO SUL, Lei Nº 10.576, de 14 de novembro de 1995

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 3 ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

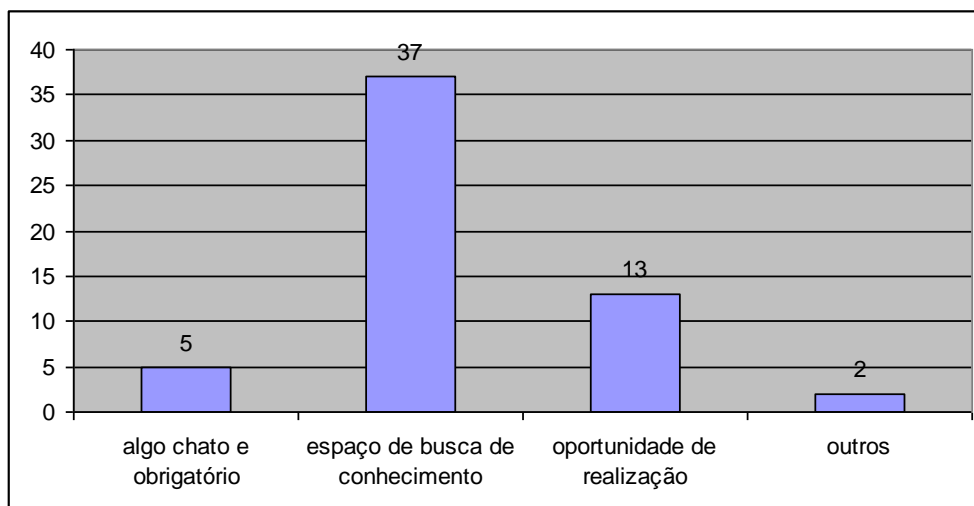
SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa Documental: pistas teóricas e metodológicas.** Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, ano 1, n.1, julho 2009.

## APÊNDICES

## Gráficos com os resultados obtidos na aplicação dos questionários

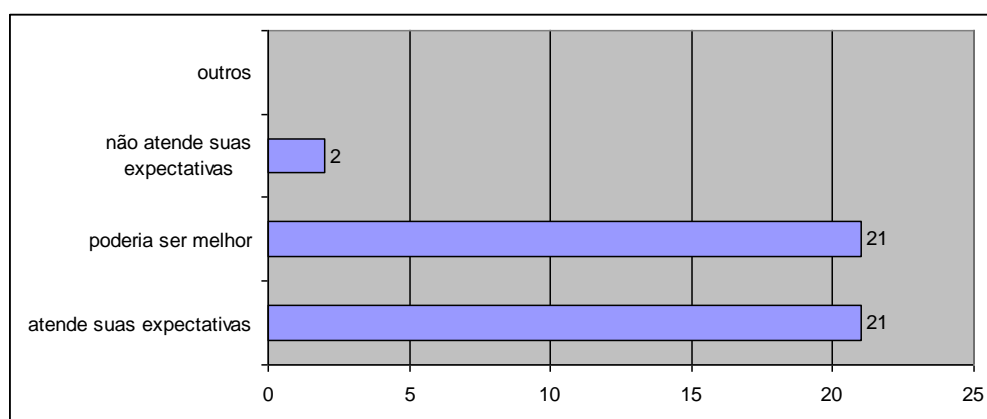
### A ESCOLA

1) Para você a escola significa:

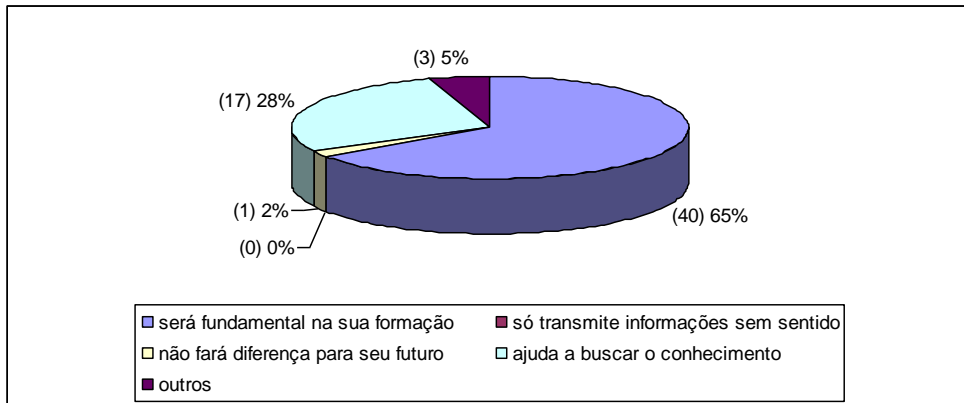


Outros:       \* local para socialização;  
                  \* uma base para o futuro profissional e pessoal

2) No que se refere à escola que você estuda:

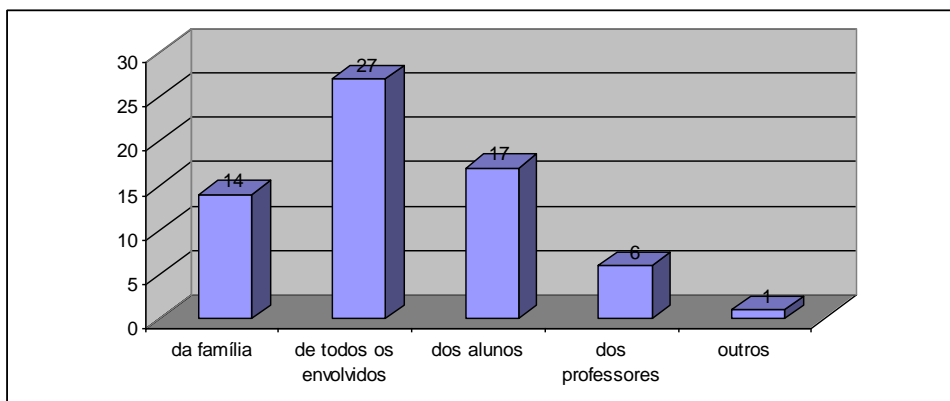


3) Para você, o professor:



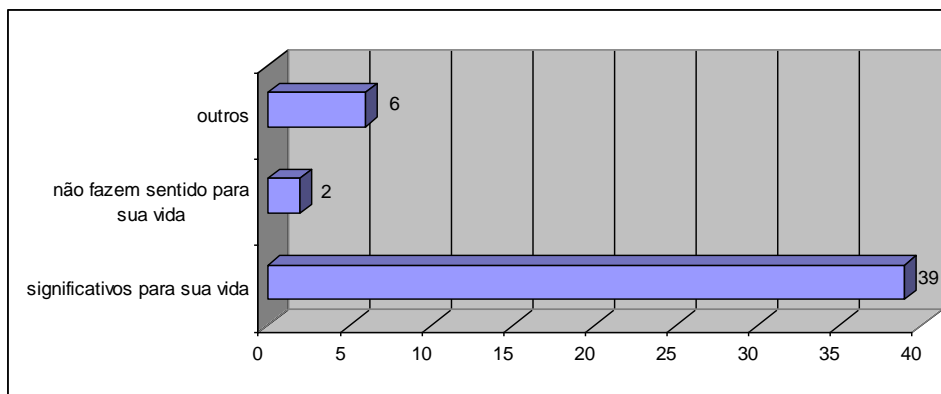
Outros:       \* é a parte mais importante do quebra-cabeça escolar;  
                   \* não deveria se meter na vida pessoal dos alunos;  
                   \* ajuda na minha formação.

4) Em sua opinião, a indisciplina, a violência, a agitação e gritaria nos espaços escolares, a falta de respeito, o desinteresse pelo conteúdo, as mentiras e os conflitos diários são de responsabilidade:



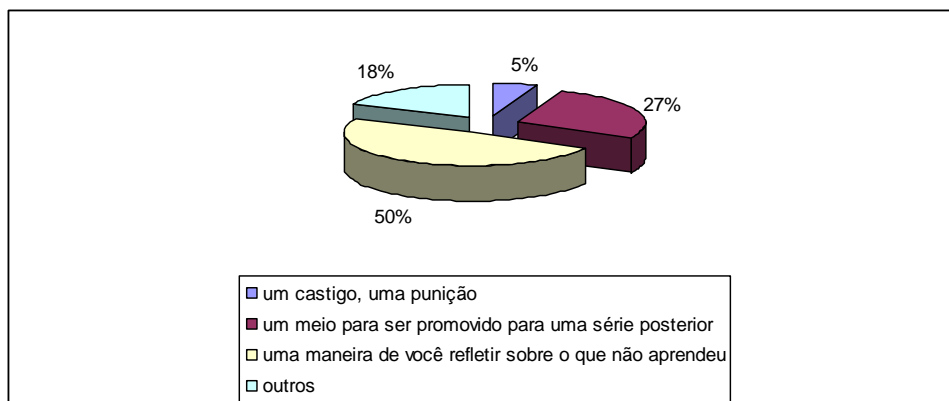
Outros:       direção

5) Você considera as aulas e os conteúdos ministrados:



- Outros:
- \* nem tudo será importante no futuro;
  - \* são fonte de conhecimento;
  - \* vão ajudar no futuro;
  - \* alguns não possuem grande sentido;
  - \* importantes para o desenvolvimento;
  - \* alguns são úteis, outros não.

6) Para você a avaliação é:



Outros: testar o conhecimento (5); deveria ir muito além de apenas provas; maneira de melhorar; um modo de mostrar se as aulas estão realmente ajudando na aprendizagem; mostrar o que aprendeu; um incentivo para aprender.

7) Como seria a escola que você sonha...

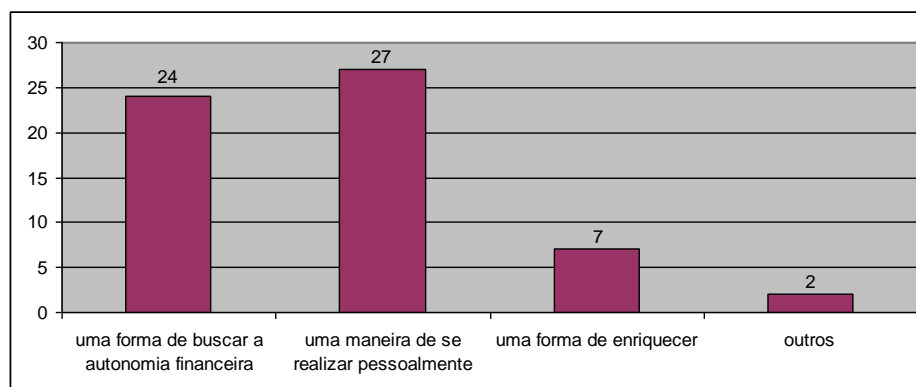
A escola dos sonhos deveria ter:

- ⇒ turno integral (com atividades variadas no turno inverso);
- ⇒ uniforme para evitar desigualdades;

- ⇒ blogs com indicações de materiais de estudo, lembretes para estudar e datas de trabalhos e provas;
- ⇒ oficinas diversas (tecnologias, computação, teatro, música, dança, futebol, natação, artes marciais);
- ⇒ ar condicionado;
- ⇒ tablets para os alunos;
- ⇒ variados esportes;
- ⇒ áreas cobertas;
- ⇒ armários para os alunos;
- ⇒ formatura para o 9ºano EF e 3ºano EM;
- ⇒ multimídia em todas as salas;
- ⇒ internet liberada;
- ⇒ recreio mais longo (20 minutos);
- ⇒ almoço a R\$ 2,00 para todos os alunos;
- ⇒ alunos que se respeitassem;
- ⇒ menos discriminação;
- ⇒ aulas mais dinâmicas e divertidas;
- ⇒ professores pontuais;
- ⇒ professores que não ficassem perguntando sobre a vida pessoal do aluno;
- ⇒ professores que sentissem prazer em ajudar os alunos com dificuldades;
- ⇒ professores que motivassem os alunos a estudar;
- ⇒ aulas que não fossem baseadas em matérias e provas;
- ⇒ ser como é, mas sem matemática;
- ⇒ projetos variados;
- ⇒ estágios em empresas;
- ⇒ integração com a família;
- ⇒ maior preocupação dos governantes em investir na qualidade da educação e infraestrutura;
- ⇒ direção que entendesse o aluno e não ficasse chamando os pais;

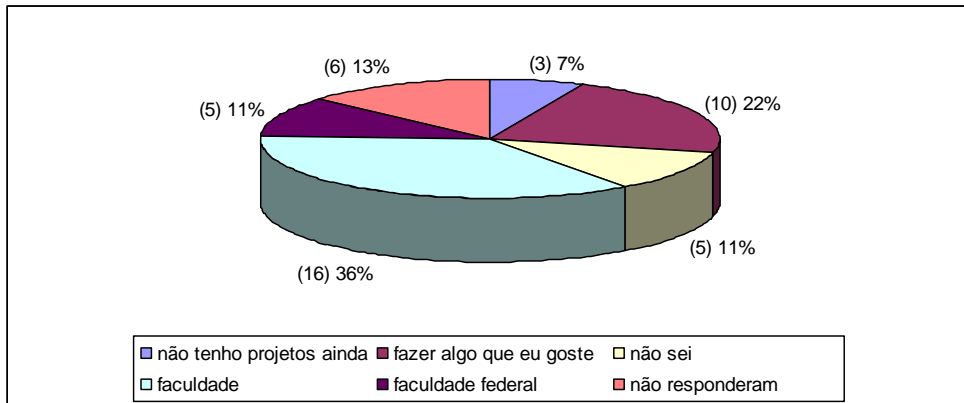
## TRABALHO

1) Para você, o trabalho deveria ser:



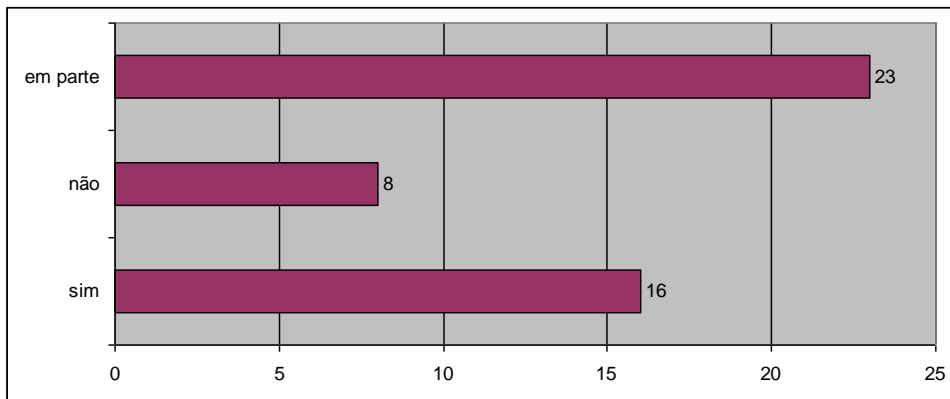
Outros:           \* uma experiência incrível;  
                       \* uma forma de sobreviver.

2) Quais são seus projetos profissionais?

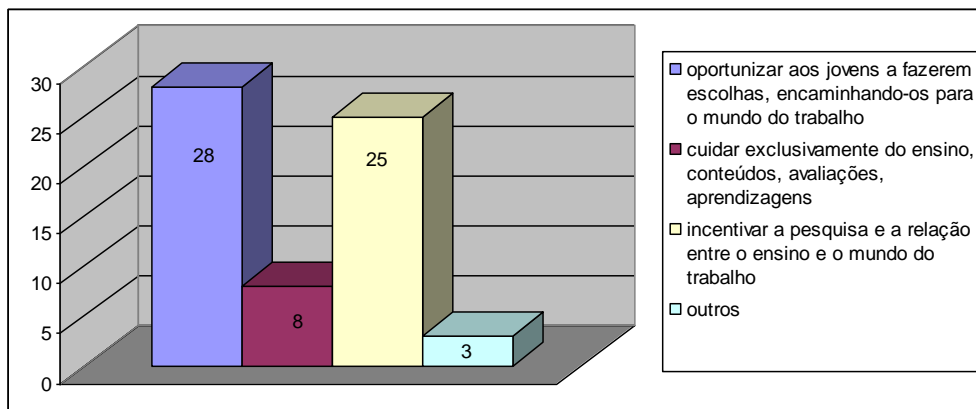


Pretende realizá-los com :  
 \* dedicação  
 \* estudo  
 \* muito esforço

2) Na escola, você tem espaço para falar, discutir, compartilhar seus projetos de vida?



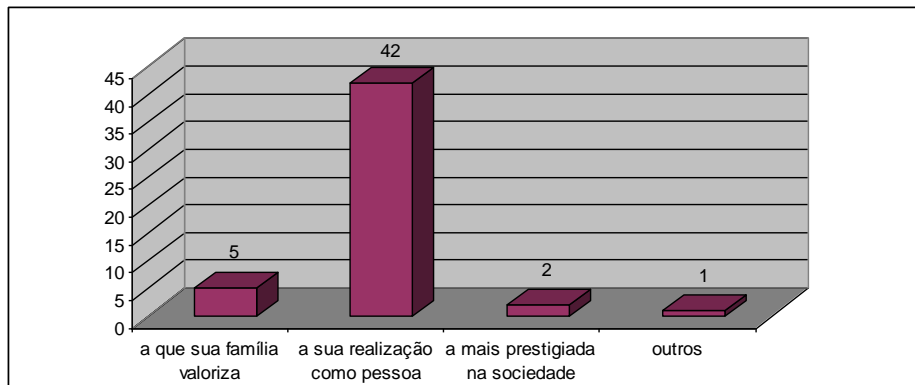
3) Em sua opinião, a escola deveria?



Outros:  
 \* incentivar estágios em empresas (2)  
 \* disponibilizar cursos



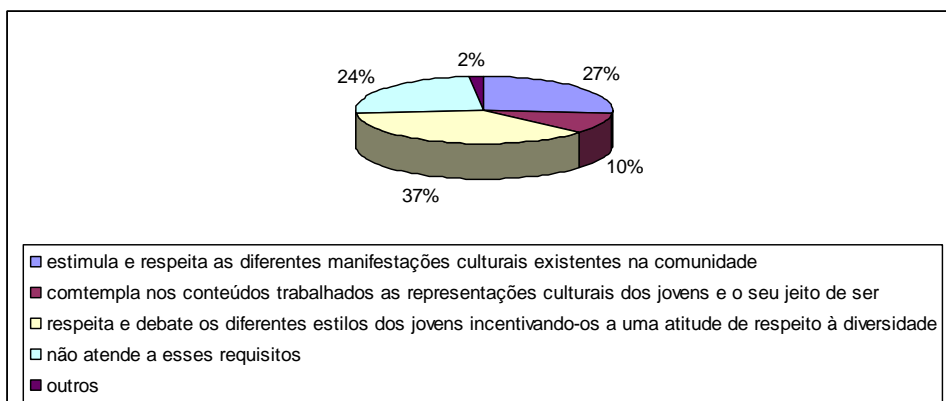
5) A profissão que você escolher, terá como referência?



Outros: \* a minha auto-valorização

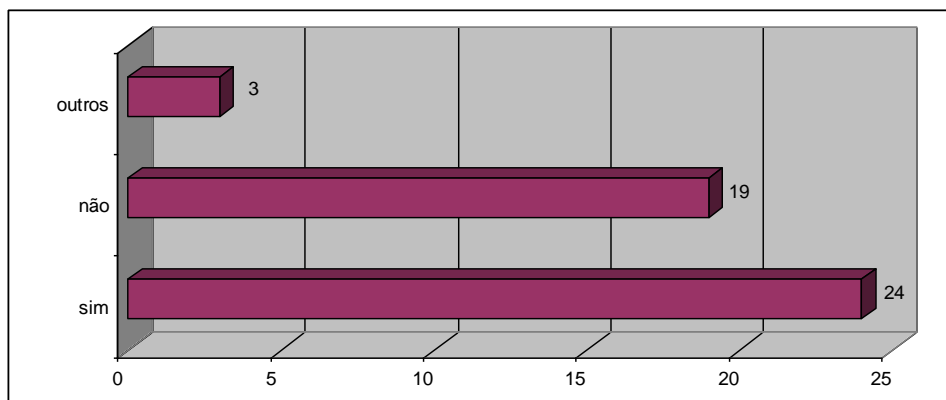
## CULTURA

1) Na sua opinião, a escola:



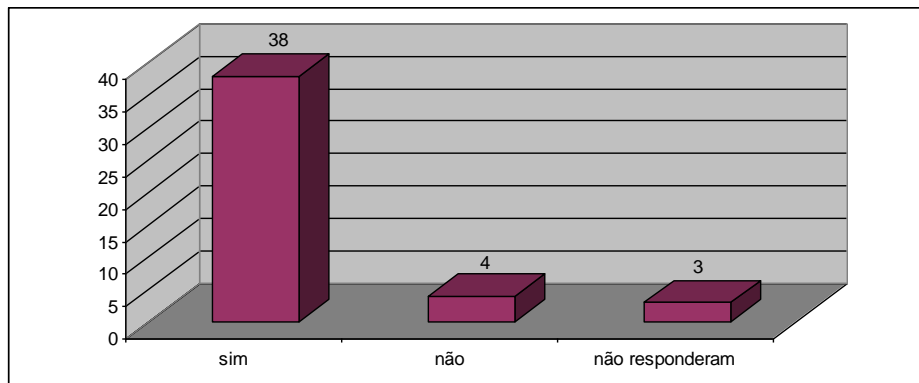
Outros: -

2) Em sua opinião, o local onde mora, e o grupo social no qual os jovens fazem parte, influenciam o modo como os jovens são tratados na escola:



Outros: \* às vezes (2);  
\* depende do jovem

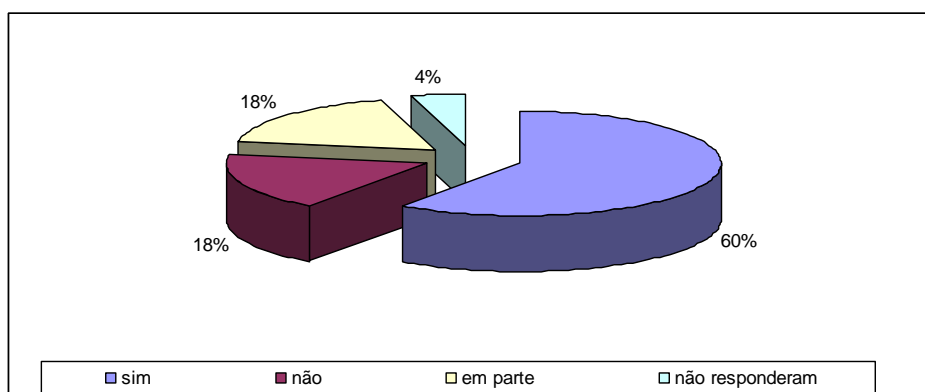
3) Em sua opinião, a escola deveria incentivar a participação em associações, clubes de esportes, grupos culturais, ONGs, movimentos estudantis?



Como?

- \* através de projetos e pesquisas;
- \* divulgando oportunidades;
- \* trazendo palestras;
- \* incentivando a criação de um grêmio estudantil na escola.

4) “A escola é lugar de fazer amigos, compartilhar experiências, valores, projetos de vida. Um lugar de alegria, diversão e conhecimento.” Em sua opinião, isso hoje acontece na escola?



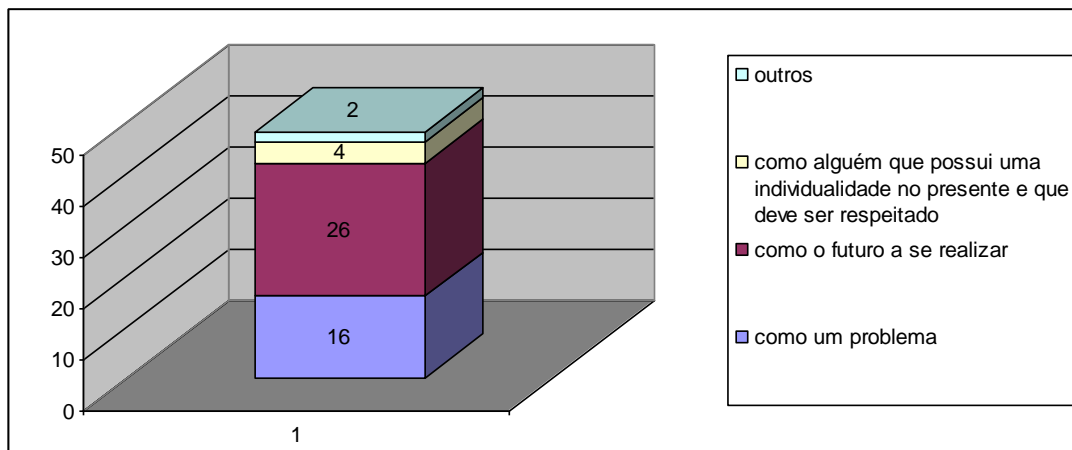
5) Do ponto de vista das manifestações culturais, o que poderia ser feito na escola que você consideraria importante para sua formação?

- ⇒ Cursos
- ⇒ Palestras
- ⇒ Debates (assuntos atuais)
- ⇒ Oficinas (leitura, dança, música, teatro, esportes)
- ⇒ Projetos culturais

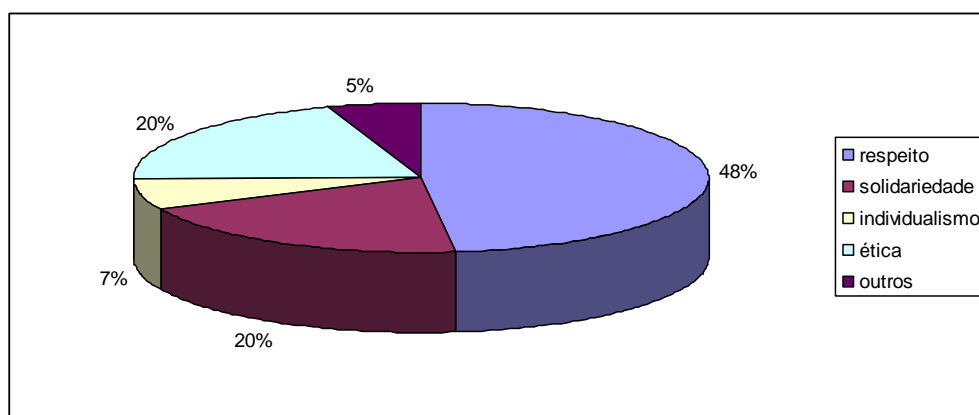
Branco = 06

## RELAÇÕES HUMANAS

1) Em sua opinião, como a sociedade valoriza o jovem no mundo atualmente:



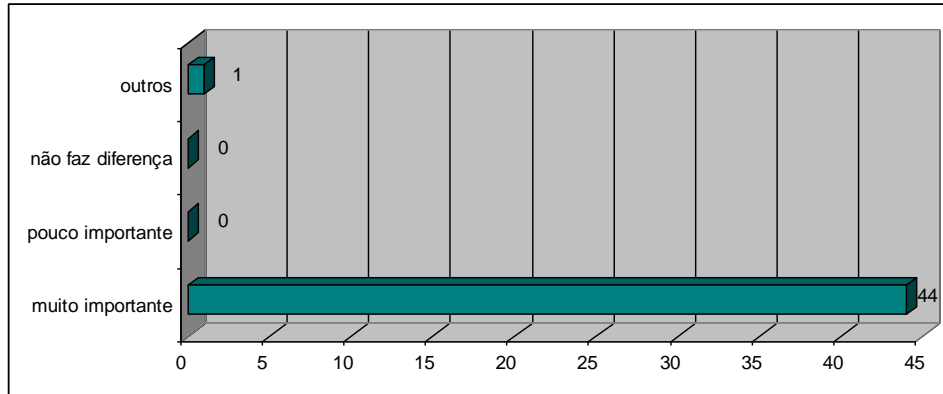
2) Entre os seguintes valores quais você considera mais importantes?



Outros:

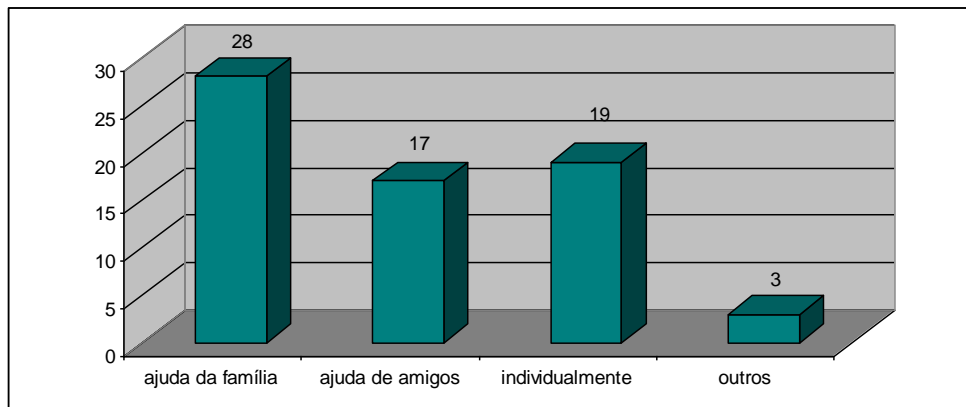
- \* determinação;
- \* gentileza;
- \* honestidade;
- \* compreensão;
- \* dignidade;
- \* dinheiro.

3) Na sua vida, a família ocupa um papel:



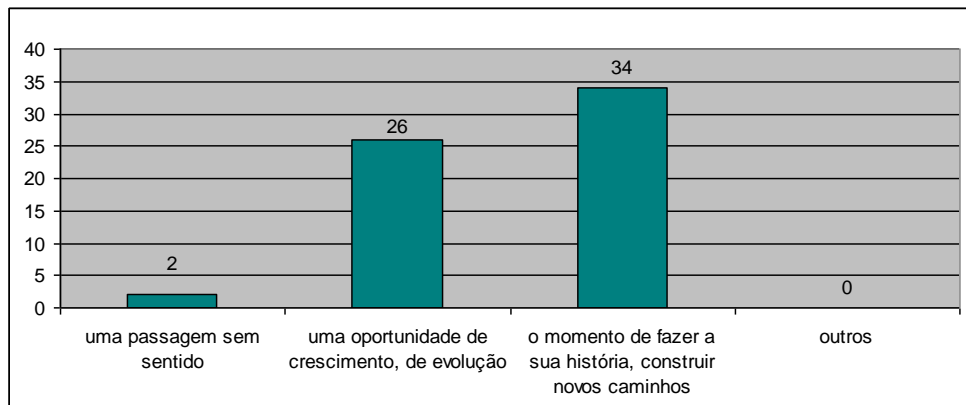
Outros: \*essencial

4) Os problemas e conflitos que surgem em sua vida, você os resolve com:

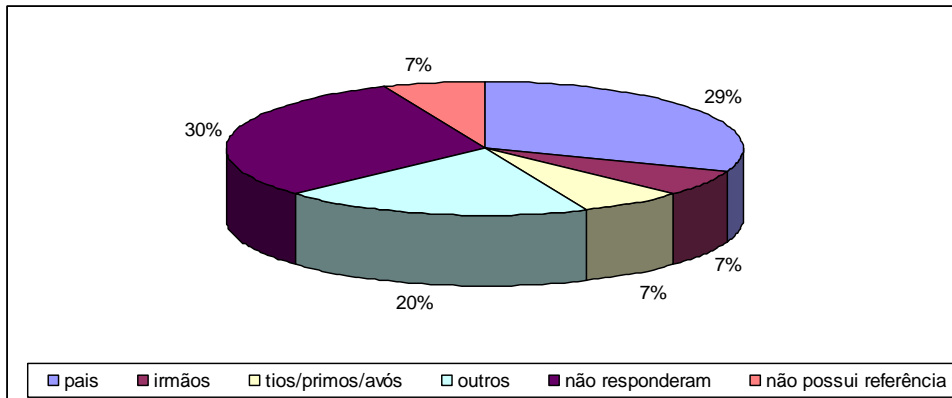


Outros: \*depende do problema

5) Para você, a vida significa:



6) Você como jovem, possui alguém como uma referência de vida a ser seguida?

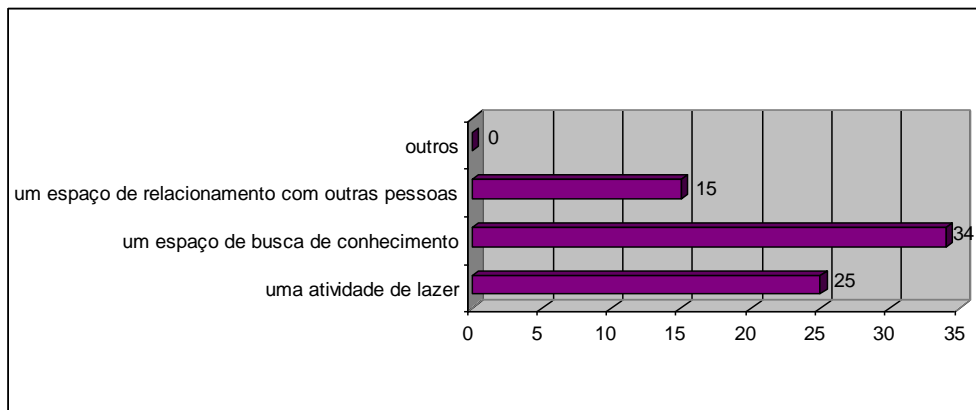


Outros:

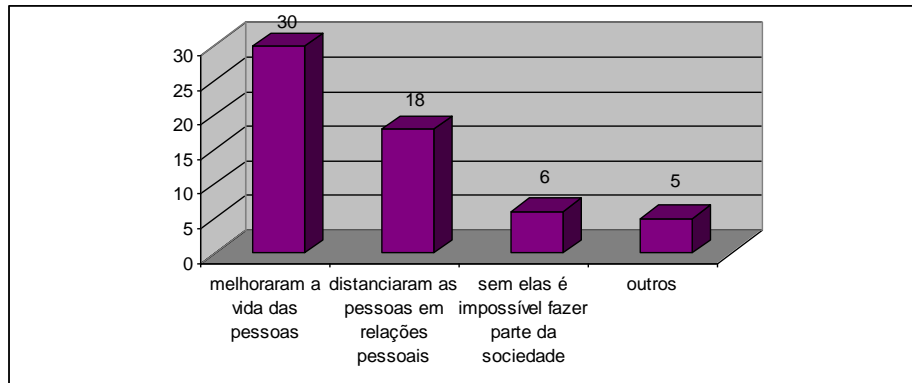
- \* Arnold Schwarzenegger;
- \* M. Schadows;
- \* Pensadores;
- \* Pessoas bem sucedidas;
- \* Steve Jobs (2);
- \* Osama Bin Laden.

## TECNOLOGIAS

1) Para você, o uso da internet é:



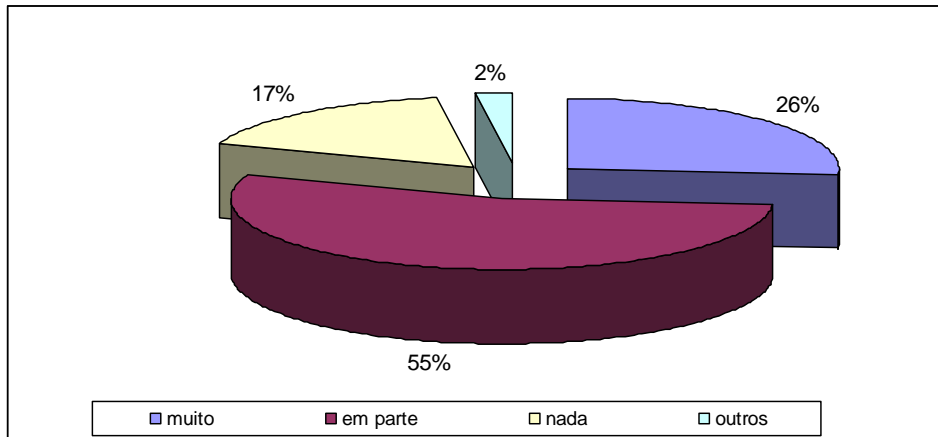
2) Em sua opinião, as tecnologias:



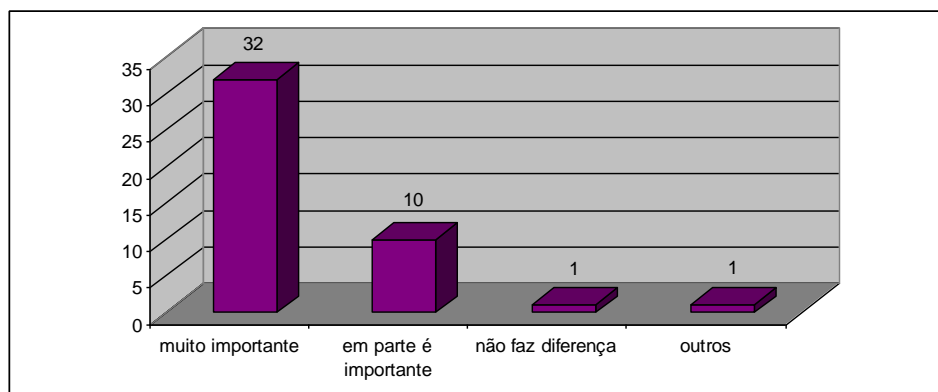
Outros:

- \* melhoraram a vida, mas se não souber usar ocorre o contrário;
- \* não melhoraram;
- \* aproximaram as pessoas e diminuíram as diferenças;
- \* fizeram com que as pessoas passassem a se conhecer.

3) O seu comportamento na sociedade (estilo, gostos, expressões) está relacionado com o que você compartilha nas redes sociais?

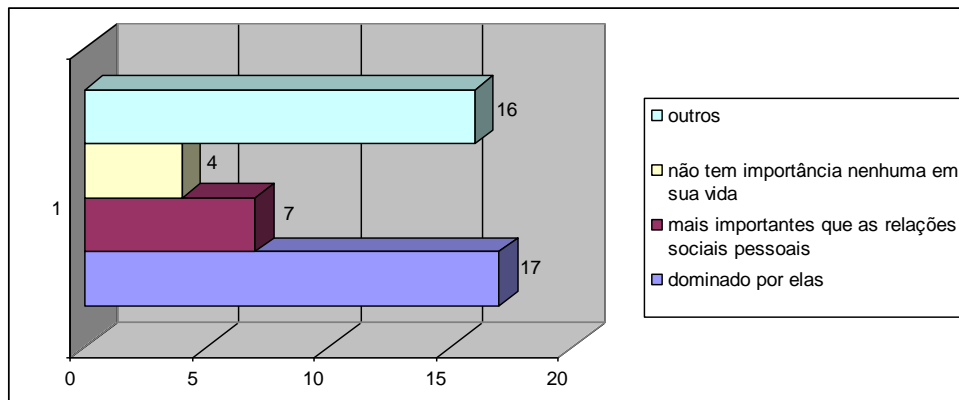


4) Em sua opinião, o uso das mídias na escola é:



Outros: \*depende da matéria

5) Como você se sente em relação às novas tecnologias:



- Outros:
- \* importante (3);
  - \* importante, mas não essencial (5);
  - \* importante, mas não substitui relações pessoais (4);
  - \* dependente dela;
  - \* gosto, mas não sou dependente;
  - \* auxilia no emprego;
  - \* normal.